

A TRÍADE: CULTURA – IDENTIDADE E CIDADANIA

Denize Dutra

A palavra cultura, em nossa Língua Mãe, é rica de significados.

Ainda que nossa Revista esteja voltada para a gestão, não é da cultura organizacional que vamos tratar agora, mas do sentido mais amplo, ou seja, como “uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante”.

Neste sentido, considerando a diversidade de formas de viver, hábitos, costumes, e manifestações artísticas existentes no Brasil, devido à sua dimensão continental e às múltiplas influências de países colonizadores, nas diferentes regiões, não podemos falar de uma cultura brasileira, mas de **culturas brasileiras**.

Certamente, para quem olha de fora, existem manifestações culturais que são “a cara” do Brasil, tais como: como o carnaval, o samba, a bossa nova, as novelas da Globo e até o futebol que contribuem para o sentimento de brasilidade. No entanto, na literatura, nas festas e tradições, na música, no artesanato, e para quem tem a oportunidade de viajar muito para todos os cantos deste país, percebem-se várias **culturas** no modo de viver do povo, que influenciam no modo de trabalhar, interagir e até no ambiente das organizações.

É incontestável a íntima relação entre cultura e cidadania, pois o Sujeito, além de ator, é reciprocamente influenciado pela a cultura, que poder ser mais bem compreendida com a afirmação de Castells, de que a construção da identidade baseia-se na

“matéria-prima fornecida pela história, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Todos estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de espaço e tempo”.

Na evolução do conceito de cultura, identificamos claramente que, para além da manifestações tradicionais, tais como: a literatura, pintura, cinema, surgem uma série de outras manifestações, como a publicidade, festas, moda, consumo, atitudes que caracterizam a chamada “cultura popular”.

O crescimento exponencial das ONGs no Brasil, nesta última década, e a tomada de consciência por partes das empresas de sua responsabilidade social contribuíram para o incremento de projetos sociais e culturais, em que ficam evidente o poder que a cultura tem de criar um sentido de identidade, de resgatar a auto-estima e incluir social e culturalmente indivíduos que, até então, não tinham acesso à cultura, na medida em que, até a chamada cultura popular foi tão mercantilizada, que acabou excluindo aqueles economicamente desfavorecidos.

Se tomarmos aqui o termo “cidadania” como a condição de um indivíduo como membro de um Estado, como portador de direitos e obrigações”, e entendermos que a cultura é parte destes direitos, será possível perceber a importância de tais projetos também na construção do sujeito cidadão.

É difícil falar em cidadania sem pensar em desenvolvimento. Amartya Sen, prêmio Nobel de Economia, quando define o desenvolvimento como o processo de ampliação da capacidade de os indivíduos terem opções, fazerem escolhas, atribui importância relativa aos fatores materiais e aos indicadores econômicos, e insiste na ampliação do horizonte social e cultural da vida das pessoas.

A base material do processo de desenvolvimento é fundamental, mas deve ser considerada como um meio, e não como um fim em si. O crescimento econômico não pode ser associado automaticamente ao desenvolvimento social e cultural. O desafio de nossa sociedade é formular políticas que permitam, além do crescimento da economia, a distribuição mais equitativa da renda e o pleno funcionamento da Democracia.

Os índices de desenvolvimento humano (IDH) levantados e calculados nos últimos anos revelam aspectos além da capacidade produtiva, ao postularem a melhoria da qualidade de vida em comum, a confiança das pessoas nos outros e no futuro da sociedade. Destacam ainda as possibilidades de as pessoas levarem adiante iniciativas e inovações que lhes permitam concretizar seu potencial criativo e contribuir efetivamente para a vida coletiva. Seguindo esse raciocínio, Sen resume suas idéias sobre o desenvolvimento como as possibilidades de "poder contar com a ajuda dos amigos", ou seja, é a cooperação e a solidariedade entre os membros da sociedade, que assim transformam o crescimento econômico destruidor das relações sociais em processo de formação de capital social ou em "desenvolvimento como liberdade". Talvez isto também sirva para explicar o sucesso de alguns importantes projetos culturais desenvolvidos no Brasil, nesta última década.

Faria e Garcia (2002) organizadores da obra "O reencantamento do mundo – Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário", apresentam diversas experiências, em diferentes Estados brasileiros, que têm contribuído para a democratização da cultura, para a inclusão social através da arte e da cultura e para a formação da cidadania em comunidades de baixa renda e com alto grau de privações das necessidades básicas e sociais.

Num mundo de tanta desigualdade social, exclusão, fome, violência, terrorismo, atitudes antiéticas, corrupção, abuso de poder e mercantilização da violência, o "reencantamento" pela arte e pela identidade cultural requer entender a arte como a linguagem da humanidade e como a expressão do imaginário. Considero que, com um esforço conjunto de artistas, intelectuais, sociedade civil como um todo, organizações do Terceiro Setor, Poder Público e iniciativa privada, buscando sinergia nas ações, poderemos verdadeiramente "reencantar o mundo", pois

"a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas... A arte nos permite, como o mito, tocar o mistério do mundo, sua ludicidade, prazer, alegria. Permite-nos penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais..., de soluções para os problemas que ameaçam a nossa sobrevivência, que para ser válida tem de ser digna, ...tem de ser compartilhada, em um mundo que valha a pena ser vivido." (FARIA & GARCIA, 2002, p. 117-118).

Fica a reflexão para que os Gestores estejam atentos às possibilidades de inclusão cultural das pessoas, através de apoio ou promoção de projetos, que contribuam para o desenvolvimento integral do Ser Humano e, conseqüentemente, para Organizações mais humanizadas, criativas e responsáveis socialmente por um mundo melhor!

Março, 2006.